

Prezados investidores,

No 1º trimestre de 2023, o Brasil Capital FIA (BC FIA) apresentou queda de -4,9% e o Brasil Capital 30 FIA de -5,1%, enquanto o Ibovespa oscilou -7,2%.

Retornos BC FIA			
	1T23	12 Meses	Retorno Histórico (a.a.)*
BC FIA	-4,9%	-16,1%	19,2%
IGPM+6%	2,1%	8,4%	14,2%

Retornos BC 30 FIA			
	1T23	12 Meses	Retorno Histórico (a.a.)**
BC 30 FIA	-5,1%	-16,4%	9,1%
IBOV	-7,2%	-15,1%	5,4%

Fonte: Brasil Capital e Bloomberg

Janelas referentes ao fechamento de Mar/23

*Retorno anualizado desde o Início do Fundo BC FIA: 13/10/2008

**Retorno anualizado desde o Início do Fundo BC 30 FIA: 27/08/2012

Performance e Mercados no Trimestre

O ano de 2023 começou agitado para os mercados. No Brasil, logo em janeiro, tivemos uma das maiores inconsistências contábeis da história do país, o caso das Lojas Americanas, que levou a empresa a pedir recuperação judicial e impactou negativamente os mercados de ações e de dívida corporativo. Ainda, o ambiente de juros altos e atividade fraca fizeram com que diversas outras companhias pedissem recuperação judicial no trimestre como Marisa, Petrópolis, Oi, Livraria Cultura, entre outras.

No âmbito político, tivemos um início de mandato com muitos ruídos e especulações, mas poucas propostas concretas por parte do governo. O destaque principal foi a divulgação do novo arcabouço fiscal que substituiu o atual Teto de Gastos. Ainda há dúvidas relacionadas à nova regra e existe a necessidade de aprovações junto ao Congresso, porém é uma iniciativa importante do governo dado que, após a PEC da transição que estourou o Teto de Gastos em R\$145 bilhões, as expectativas acerca da trajetória fiscal e da dívida pública estavam desancoradas, elevando a curva de juros futuros. Com o novo arcabouço e o encaminhamento das medidas fiscais indicadas pelo governo, em conjunto com a trajetória cadente dos indicadores de inflação, temos os primeiros pré-requisitos para o início dos cortes de juros pelo Banco Central nos próximos trimestres.

No exterior tivemos um início de ano conturbado, com muitos acontecimentos e incertezas. O primeiro evento que marcou o trimestre foi a quebra do Silicon Valley Bank (SVB), protagonizando a maior quebra de um banco americano desde a crise financeira de 2008 e resultando em um sinal de alerta para diversos outros bancos regionais norte-americanos. Outro evento que foi destaque no primeiro trimestre de 2023 foi o reaparecimento da crise do banco Credit Suisse, levando o UBS, um de seus maiores concorrentes, a assinar um acordo de compra do banco.

O prenúncio de uma nova crise bancária global, que afeta a confiança dos investidores, assim como o efeito de aperto monetário que é gerado, favoreceu a parada ou redução das altas de juros globais e acabaram contribuindo positivamente para a performance dos índices americanos, europeus e de países emergentes. Por outro lado, no Brasil, o mercado teve uma performance negativa no 1T23, refletindo tanto as incertezas políticas e fiscais locais quanto os eventos ocorridos nos mercados desenvolvidos.

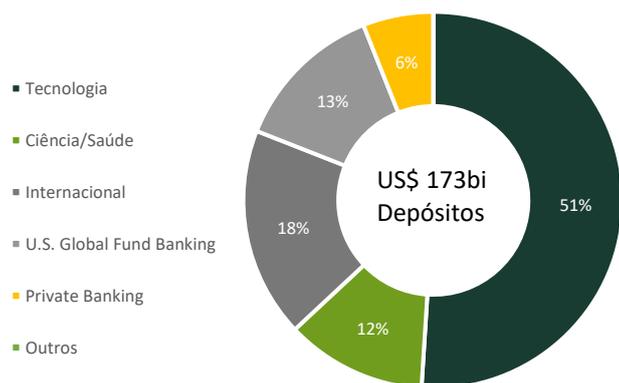
Em face dos acontecimentos ocorridos no setor financeiro global no 1º trimestre de 2023, decidimos elaborar nossa carta contemplando os acontecimentos e entendendo seus impactos diretos e indiretos no Brasil, especificamente nas posições da Brasil Capital.

Eventos e impactos no setor financeiro global

O Silicon Valley Bank, não tão conhecido do público em geral, era o 16º maior banco dos EUA, um banco regional com mais de 40 anos de atuação e muito utilizado por *start-ups*, investidores de *venture capital* e empresas de tecnologia. Ao atuar diretamente nesse segmento, o banco aproveitou o *boom* de mercado, com juros baixos no mundo todo, captando clientes e recebendo entradas de depósitos crescentes desde 2019 até o 4º trimestre de 2021.

Logo na sequência, no 1º trimestre de 2022, quando o Banco Central americano iniciou a alta da taxa de juros, a atividade no setor de *venture capital* começou a ser reduzida e começaram as saídas de capital de clientes do banco. Em nossa visão, um dos fatores relevantes para uma atividade bancária saudável é a diversificação entre segmentos, setores e empresas. No caso do SVB, vemos o oposto, em que 60% dos depósitos eram concentrados em empresas de tecnologia, sendo mais da metade vindo de empresas em estágio inicial.

Total de depósito de clientes por segmento no 4T22



Fonte: SVB

Ao considerarmos esses dois fatores, a queda da atividade no setor de atuação e, principalmente, a saída de fundos de clientes com alta concentração no segmento, tivemos o início dos problemas do SVB.

A gestão de ativos e passivos de um banco é de extrema importância para que estes lidem com choques de taxa de juros, volatilidade de mercado e para fazer frente a saques de clientes. A boa prática na gestão bancária sugere que um banco deve ter seu ativo e passivo alinhados em termos de remuneração e prazos, para que não haja descasamentos. No caso do Itaú, posição relevante em nosso portfólio, vemos uma gestão muito conservadora, visando travar seus custos de passivo com a remuneração dos ativos, fixando o *spread* de cada operação de crédito, além de realizar o *hedge* completo do capital frente a variações cambiais. Ao entrarmos mais especificamente no caso do SVB, vemos um passivo de curto prazo, concentrado em depósitos à vista, que representam 50% do total de depósitos no balanço, e um ativo com *duration* média de 5,6 anos. Consequentemente, caso houvesse uma saída massiva de depósitos, seria necessária a venda dos ativos de longo prazo.

Vale destacar que a saída de capital / depósitos do SVB começa no momento em que o FED inicia a elevação da taxa de juros, acelera ao longo do ano de 2022 e chega a US\$42 bilhões no dia 9 de março de 2023.

Evolução de depósito de clientes tri vs. tri



Fonte: SVB

Ao necessitar de caixa, o SVB começou a realizar vendas de seus ativos, reconhecendo perdas. Esses ativos foram comprados numa época de juros perto de zero nos EUA e, agora, com a elevação das taxas pelo FED, perderam valor mercado. Essa perda, se realizada em sua totalidade, consumiria praticamente todo patrimônio líquido do banco e, com isso, seria necessária em uma capitalização por parte dos acionistas.

Vale notar que, comparando alguns indicadores dos bancos brasileiros com o SVB, temos um nível de crédito para depósitos bem inferior no SVB. Ou seja, os bancos brasileiros têm uma carteira de crédito mais relevante para geração de receita no seu resultado. O nível de Capital (*Core Equity Tier 1*) que representa o capital de acionistas no patrimônio do banco, possui níveis bem próximos ao do SVB, entretanto, as perdas nos ativos carregados até a maturidade (*HTM Unrealized losses*) como % do patrimônio do banco é completamente discrepante no SVB, dada a gestão de ativos e passivos temerária.

Comparação de indicadores de Bancos brasileiros com o Silicon Valley Bank

	Empréstimo sobre depósito	Capital principal nível I	Perdas não realizadas nos ativos que são mantidos até o vencimento % do patrimônio líquido
Itaú	104%	11,9%	-3,7%
BTG Pactual	104%	12,6%	-0,7%
Banco do Brasil	115%	12,0%	-0,4%
Bradesco	111%	11,0%	-3,6%
Nubank	63%	15,1%	n.a.
SVB	43%	12,1%	-94,7%

Indicador 1 - Empréstimo sobre depósito (*Loan to deposits*): relação entre o total de empréstimo e o total de depósitos do banco.

Indicador 2 – Capital principal nível I (*Core Equity Tier 1 - CET1*): parcela do indicador de Basileia que é patrimônio dos acionistas do

banco. Os bancos ainda podem ter capital no Tier 1 e no Tier 2, além do CET1.

Indicador 3 - Perdas não realizadas nos ativos que são mantidos até o vencimento como % do patrimônio líquido (HTM Unrealized losses % Equity): % do patrimônio líquido dos bancos que seria reduzido caso vendessem 100% dos ativos *hold-to-maturity*, realizando as perdas de valor desses ativos.

Em resumo, na nossa visão, dois erros relevantes foram cometidos pela gestão do banco e que deveriam ter sido mitigados e evitados ao longo do tempo: concentração e gestão de ativos e passivos. Ao contextualizarmos com a realidade brasileira, vemos bancos extremamente acostumados com a volatilidade da curva de juros e da taxa básica, o que faz com que a gestão de ALM seja olhada com cuidado e preparada para movimentos bruscos. No que tange à concentração em setores e segmentos específicos, os grandes bancos são múltiplos, atendendo clientes de varejo e de diversos setores corporativos da economia. Enquanto isso, bancos como BTG Pactual, também presente em nosso portfólio, que possui maior concentração na parte corporativa, realizou um movimento claro de diversificação entrando no varejo e no PME, diversificando a base de *funding* e reduzindo seu custo.

Outro fator de grande relevância em uma crise bancária como essa é a comunicação. Após a virada de entradas para saídas de depósitos, visando o fortalecimento do balanço do banco, o SVB soltou um comunicado no dia 8 de março propondo uma capitalização e conversão de ações preferencias, o que resultou em uma corrida bancária no dia seguinte, decretando a quebra e intervenção no banco, além da rápida ação do regulador, que foi fundamental para evitar um contágio no sistema. Este é um setor especialmente baseado em confiança, qualquer receio de uma possível deficiência no balanço pode facilmente culminar em falência do banco.

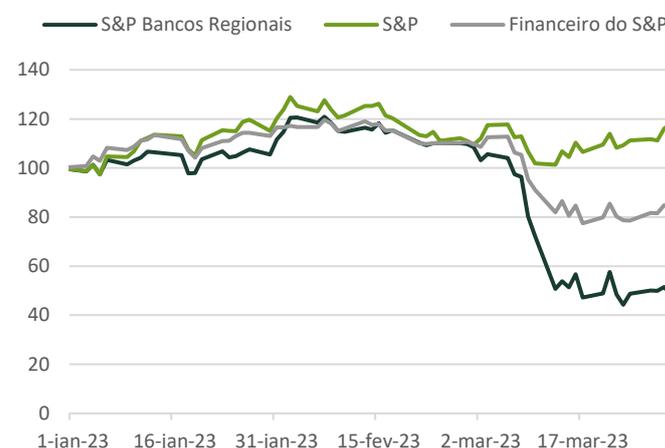
Novamente podemos usar o exemplo do BTG Pactual que passou por uma crise de confiança em 2015, relacionada ao seu controlador. A agilidade da gestão do banco para garantir a liquidez necessária e cumprimento de suas obrigações, evitaram qualquer risco sistêmico. Anos depois vemos um banco completamente diferente, mais diversificado, mais robusto e com rentabilidade crescente e sustentável. A crise do BTG é um dos episódios mais emblemáticos do setor financeiro brasileiro, dado que raramente bancos conseguem escapar de uma corrida bancária por crise de confiança e se reerguerem de forma tão rápida.

Após os eventos do SVB nos dias 8 e 9 de março, os reguladores americanos agiram rapidamente para evitar um novo contágio no setor, intervindo no Signature Bank (banco atrelado ao mercado cripto) que sofreu corrida bancária de

US\$10 bilhões no dia 10, e no Silvergate Bank nos dias anteriores, também ligado ao mundo de criptomoedas. Outro caso que chamou atenção foi o First Republic que foi resgatado por grandes bancos americanos com uma linha de liquidez de US\$ 30 bilhões.

Se compararmos o índice de bancos regionais americanos com o índice empresas ligadas ao setor financeiro do S&P, temos uma *under performance* enorme dos bancos regionais dado o efeito dominó gerado pela crise do SVB, sendo que a deterioração só não foi maior pela rápida ação do FED e do mercado. Vale notar que, olhando em janelas mais longas como a de 3 anos, esse mesmo índice de bancos regionais tinha *performance* melhor que o S&P e que o índice de empresas financeiras, entretanto em 2023 vemos a performance dos regionais muito inferior, com queda de 50% YTD.

Performance S&P, índice de bancos regionais e empresas do setor financeiro do S&P (base 100):



Fonte: Bloomberg.

Ademais, vemos que a regulação de bancos americanos deve ser apertada novamente, especialmente para bancos menores/regionais, mudando parâmetros de *Stress-test*, aumentando exigências de capital, liquidez e indicadores de qualidade. Vale destacar que, no final de março, o SVB foi adquirido pelo First Citizens Bank, que irá assumir toda a sua operação, com um desconto para os ativos totais do banco, uma operação mediada pelo regulador a fim de dar uma resolução final para a crise de bancos regionais.

Outro evento de destaque no trimestre foi a intervenção e posterior aquisição do Credit Suisse, banco suíço com operação global. Mais de uma década de problemas na gestão e nos resultados culminaram em uma queda de aproximadamente 97% do valor de mercado do banco desde a crise de 2008, bem diferente de outros grandes bancos como o JP Morgan que tem performance excepcional desde essa mesma crise. Junto ao CS, temos o Deutsche Bank e Citi, que tiveram seus valores de mercado dizimados. O Credit,

entretanto, depois de perdas de mais de U\$10 bilhões no final de 2021 com 2 grandes clientes, passou por uma reestruturação das operações visando um *turnaround* de gestão que se iniciou em 2022. Após uma onda de saques extremamente relevante, iniciou-se a venda de ativos, a separação de operações (criação do CS First Boston), a redução de custos e o aumento de capital ancorado especialmente pelo Saudi National Bank.

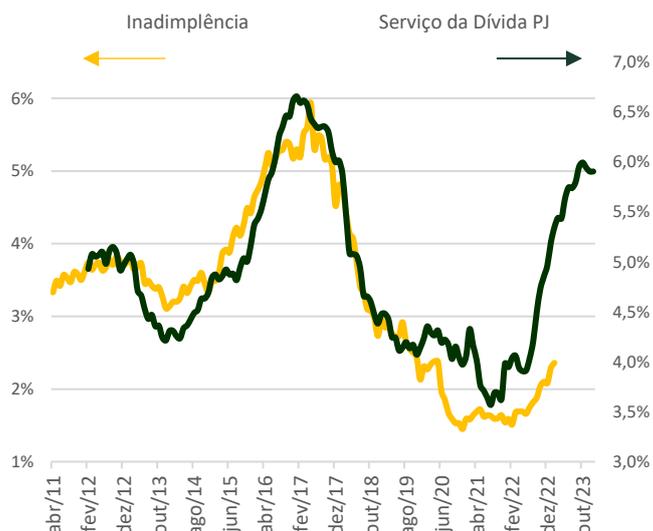
O caso do Credit Suisse vinha se arrastando por anos e não causou surpresa que, após o comentário de seu maior investidor de que não realizaria novos aportes, gerou outra crise, culminando na intervenção pelo banco central suíço e posterior aquisição pelo UBS, outro gigante suíço. Essa operação, mediada pelo interventor, gerou precedentes perigosos fazer ao fazer write-off de diversos títulos de dívida do CS, enquanto os acionistas do banco ainda receberam uma fração de seus ativos.

Analisando o ocorrido, não vemos paralelo no setor bancário brasileiro que, mesmo após a quebra de alguns bancos na crise de 2008, continua extremamente saudável, atingindo níveis de rentabilidade sustentáveis e crescentes.

O sistema financeiro brasileiro não sentiu impactos diretos dessa crise nos bancos americanos e europeus. O sistema possui indicadores de capitalização e de Basileia robustos, perfil diversificado da base de ativos e passivos, além de observância constante do BCB com requisitos elevados de buffer de liquidez e capital especialmente para bancos do chamado S1 (classificação dos bancos que tenham porte acima de 10% do PIB), com regras 100% alinhadas às convenções de Basileia. Inclusive ao observarmos as regras para bancos menores, os S2 a S5, vemos uma regulação prudencial adequada.

Vale lembrar que, ao longo do 1º trimestre de 2023, tivemos diversos casos de recuperação judicial no Brasil de empresas de médio e grande porte, com crédito espalhado em diversos bancos. Esses eventos, embora inesperados pelo mercado, foram antecipados por diversos bancos, isso porque ao observarmos os indicadores antecedentes de inadimplência nas pessoas jurídicas do Brasil e sua correlação com a taxa de juros brasileira, seu aumento levaria a elevação da inadimplência PJ nos meses seguintes, por conta da elevação do serviço da dívida e do baixo crescimento do PIB.

Inadimplência PJ x Serviço da Dívida PJ



Fonte: Banco Central

Nota: Os dados de inadimplência têm um atraso de 12 meses em relação ao serviço da dívida.

Conseqüentemente, muitos bancos tiveram perdas de crédito com essas empresas e anteciparam em seus *guidances* de resultado para 2023 um aumento relevante de provisões para o segmento para se manterem bem capitalizados e com indicadores de cobertura saudáveis.

Porém, nota-se que o mercado brasileiro não está imune a grandes crises globais bancárias. Ao observarmos os prêmios de risco, custo de captação, *yields* das dívidas a mercado, tivemos aumentos dos *spreads* e dos prêmios, que indicam uma maior aversão ao risco por parte dos investidores que compram esses ativos. Entretanto, não vemos problemas em instituições financeiras específicas e muito menos no sistema como um todo, o que naturalmente irá gerar uma queda gradual desses prêmios ao longo do tempo.

Contribuições Positivas no Trimestre

Eletromídia	+0,8%
Localiza	+0,2%
Aliansce Sonae	+0,2%

As ações da Eletromídia acumulam alta de mais de 50% no ano, seguindo não apenas o forte desempenho operacional reportado no 4T22, mas também o acordo de compra e venda de ações com a Globo, que, num primeiro momento, poderá adquirir até 20% da empresa. Esse movimento, além de validar a tese de complementariedade de mídias com a proposta out of home (OOH) da Eletromídia, abre várias oportunidades para a companhia, que passará a ter alinhamento estratégico com o principal canal de mídia da América Latina. Olhando para 2023, vemos com bastante otimismo a evolução de resultados, que será beneficiado

pelo *ramp up* das aquisições e dos novos contratos em ruas que a companhia conquistou no decorrer do ano de 2022, e que possuem uma margem de contribuição muito positiva.

A Localiza foi o 2º destaque positivo do trimestre. Após um 2022 marcado pela entrega bem-sucedida do rémédio definido pelo CADE na aprovação da fusão da Localiza com a Unidas e pelo bom desempenho operacional dos negócios de aluguel de carros, acreditamos que 2023 será um ano ainda melhor para a companhia. Em um cenário de forte demanda, melhor posicionamento competitivo versus peers do setor, alta disponibilidade de carros e sinergias oriundas da fusão com potencial maior do que inicialmente mapeado, ficamos otimistas com os resultados da Localiza, tanto no curto, quanto no longo prazo.

A Aliance Sonae foi 3º destaque positivo do trimestre. O ano de 2022 foi marcado por diversos avanços para a companhia, tanto no operacional quanto na agenda estratégica de M&A. No operacional, a retirada de descontos e repasse de inflação, aliadas ao crescimento de vendas e inadimplência controlada permitiram que a companhia entregasse resultados acima do topo do *guidance* de EBITDA divulgado no começo do ano, com boas tendências também para 2023. Na agenda de M&A, a companhia concluiu a fusão com BrMalls, a qual enxergamos com bons olhos dado o potencial de captura de sinergias e qualidade do portfólio combinado, além de ter realizado desinvestimentos de ativos secundários a múltiplos bastante atrativos, tanto no absoluto quanto no relativo versus os múltiplos atribuídos à companhia pelo mercado. Olhando para 2023 em diante, seguimos otimistas com a capacidade de entrega de resultados, que julgamos não estar refletida nos preços atuais.

Contribuições Negativas no Trimestre

Hapvida	-1,8%
Cosan	-1,5%
Banco BTG	-1,1%

Hapvida foi o maior destaque negativo do trimestre. Em fevereiro a empresa divulgou resultados bastante fracos no absoluto e no relativo frente às expectativas do mercado como um todo. Além de um P&L ruim em praticamente todas as linhas, a queima de caixa do trimestre (não esperada inicialmente), aumentou muito a alavancagem financeira da empresa e levantou dúvidas sobre sua capacidade de solvência no curto prazo. Nos aprofundamos em todas essas questões, obtendo muitos dados com relação à solvência da empresa, especialmente após aos já anunciados movimentos de *Sale & Leaseback* e *Follow On*, ambos com participação relevante da família controladora. Além disso, entendemos que,

apesar dos desafios específicos decorrentes da fusão com a GNDI, a maior parte dos problemas operacionais da companhia estão presentes no setor como um todo, devendo ser endereçados ao longo dos próximos 12-24 meses através, principalmente, de maiores repasses de preço ao consumidor final. Dessa forma, com base nas nossas expectativas já revisadas, entendemos que a reação do mercado criou uma assimetria relevante no valor de mercado da empresa, o que nos levou a aumentar nossa exposição inicial. A entrega de resultados recente foi muito decepcionante, mas entendemos que os próximos anos tendem a ser muito melhores do que 2022, dada a dinâmica de retomada operacional através de repasses de preço e maior verticalização, e de uma gestão única centralizada na família controladora.

A Cosan foi a 2º contribuição negativa do trimestre, em que a performance da ação refletiu a oscilação das ações da Raízen no período, sua controlada e responsável por parte relevante dos resultados da Cosan. Na Raízen, além da manutenção da desoneração da gasolina no começo do trimestre, que impactou na competitividade do etanol, houve o desinvestimento dos ex-acionistas da Biosev no período (Hédera, que pertence ao Grupo Louis Dreyfus), que alienou todas as ações preferenciais que detinha na companhia (cerca de 24%), além de fracos resultados operacionais, eventos que impactaram negativamente a performance da ação. Para 2023, temos uma visão positiva para Raízen, seja pelas melhores condições climáticas que vão aumentar a moagem de cana-de-açúcar num momento em que as cotações do açúcar subiram mais de 20% *versus* o ano anterior, sem contar um cenário mais construtivo em distribuição de combustíveis, dada uma política mais racional conforme os seus principais competidores vêm sinalizando. Além disso, destacamos o melhor cenário de tarifas para a Rumo e o *ramp up* dos novos ativos da Compass e da Moove, que vão incrementar os resultados do grupo como um todo.

BTG Pactual foi a 3ª maior contribuição negativa no fundo nesse 1º trimestre de 2023, uma vez que alguns eventos impactaram diretamente a performance, sendo o mais relevante o provisionamento do caso Americanas no balanço do resultado do 4T22 divulgado em fevereiro, no qual o banco reconheceu pouco mais de 60% de sua exposição líquida ao caso, reduzindo o lucro líquido de 2022; outro evento que elevou o custo de risco foi a crise bancária nos EUA e Europa, apesar de não afetar diretamente os bancos brasileiros; Independente dos acontecimentos, vemos o banco bem posicionado para entregar seu *guidance* de ROE crescente em 2023 com boas perspectivas para vários segmentos de negócios, além do *valuation* descontado.

Agradecemos a confiança.

Equipe Brasil Capital

Brasil Capital FIC FIA - Março 2023

Brasil Capital FIC FIA (Cod Bloomberg: BCFIAND Index; Cód Anbima: 219436) - Classificação Anbima: Ações Livre

Objetivo: O Brasil Capital FIC FIA é um fundo de investimento que tem como objetivo gerar retornos reais superiores ao custo de oportunidade dos nossos cotistas no médio e longo prazos, investindo em ativos de renda variável.

Política de Investimento: O fundo tem um horizonte de investimento de longo prazo, o que permite uma estreita relação com as empresas investidas e profundo conhecimento dos seus mercados de atuação. As empresas são selecionadas através de critérios fundamentalistas.

Público Alvo: Exclusivamente investidores qualificados, conforme definição da instrução CVM 555/2015.

Rentabilidade

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Fundo Ano	IBOV Ano	Acum. Fundo	Acum. IBOV
2008										-10,9%	4,7%	6,5%	-0,6%	-8,0%	-0,6%	-8,0%
2009	11,1%	3,1%	-0,6%	30,8%	15,5%	4,8%	15,3%	6,5%	6,6%	3,1%	8,3%	8,6%	185,6%	82,7%	183,9%	68,0%
2010	1,4%	0,8%	4,6%	-0,8%	-8,7%	1,9%	11,1%	5,3%	5,5%	6,6%	4,0%	3,1%	39,0%	1,0%	294,4%	69,7%
2011	-2,1%	-0,1%	1,6%	4,7%	-3,0%	-1,8%	-5,5%	2,3%	-6,4%	3,4%	-4,0%	3,8%	-7,7%	-18,1%	264,2%	39,0%
2012	9,7%	8,0%	6,8%	0,7%	-2,1%	3,5%	4,8%	2,1%	3,9%	4,8%	0,5%	7,1%	62,2%	7,4%	490,8%	49,3%
2013	2,7%	2,6%	-3,6%	1,7%	-4,6%	-9,1%	3,7%	-2,9%	-0,1%	3,9%	4,0%	-3,1%	-5,7%	-15,5%	456,9%	26,2%
2014	-9,6%	-1,6%	2,4%	1,2%	2,5%	4,7%	1,2%	4,1%	-2,9%	2,0%	2,2%	-3,2%	2,0%	-2,9%	467,7%	22,5%
2015	-8,4%	1,9%	3,1%	2,0%	1,7%	1,4%	-1,9%	-5,9%	-4,7%	5,0%	-0,9%	0,8%	-6,6%	-13,3%	430,6%	6,2%
2016	-5,6%	6,1%	10,3%	8,7%	3,4%	1,3%	8,7%	1,6%	1,4%	6,3%	-8,7%	0,0%	36,6%	38,9%	624,8%	47,5%
2017	6,2%	4,0%	2,2%	0,3%	-2,4%	2,6%	4,1%	5,9%	4,0%	0,5%	-0,5%	3,5%	34,5%	26,9%	875,3%	87,1%
2018	6,1%	0,2%	0,8%	-1,6%	-8,1%	-3,8%	4,5%	-4,2%	1,1%	12,7%	5,7%	-0,1%	12,2%	15,0%	994,2%	115,3%
2019	12,0%	0,0%	0,0%	1,9%	3,2%	4,2%	4,2%	2,1%	3,5%	3,2%	1,8%	10,0%	56,2%	31,6%	1.608,6%	183,2%
2020	1,3%	-7,5%	-36,6%	13,8%	7,6%	12,3%	10,3%	-1,8%	-4,7%	-0,6%	12,9%	7,6%	1,9%	2,9%	1.640,5%	191,5%
2021	0,7%	-2,0%	-0,1%	2,2%	1,2%	2,4%	-2,5%	-1,8%	-6,5%	-13,1%	-3,5%	2,6%	-19,6%	-11,9%	1.298,9%	156,7%
2022	4,2%	-3,5%	6,7%	-9,4%	1,0%	-12,5%	5,9%	4,6%	0,2%	7,6%	-5,1%	-2,7%	-5,3%	4,7%	1.225,2%	168,8%
2023	2,1%	-4,6%	-2,3%										-4,9%	-7,2%	1.160,1%	149,5%

Estatísticas

	BC FIC FIA	IBOV
Retorno desde Início	1160,1%	149,5%
Retorno Anualizado	19,2%	6,5%
Desvio Padrão Anualizado*	22,6%	27,4%
Índice de Sharpe**	0,85	-
Núm. de meses negativos	56	77
Núm. de meses positivos	118	97
Núm. de meses abaixo do Ibovespa	74	-
Núm. de meses acima do Ibovespa	100	-
Maior Rentabilidade Mensal	30,8%	17,0%
Menor Rentabilidade Mensal	-36,6%	-29,9%
Patrimônio Líquido (R\$MM) em: 31/03/2023	201,9	-
Patrimônio Líquido Médio 12m (R\$MM)	293,0	-
Última Cota do Mês em: 31/03/2023	12,600550	-

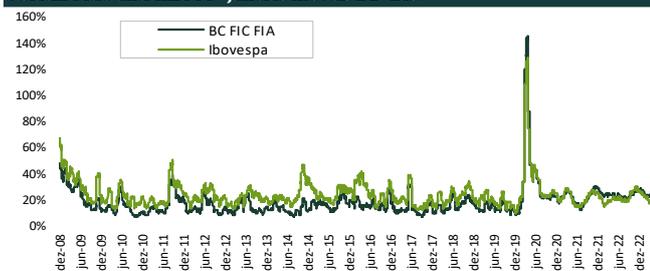
* Desvio padrão anualizado - desde o início do Fundo

** [(Retorno Anualizado BC FIA) - (Retorno Anualizado CDI)] / (DP anualizado BC FIA)

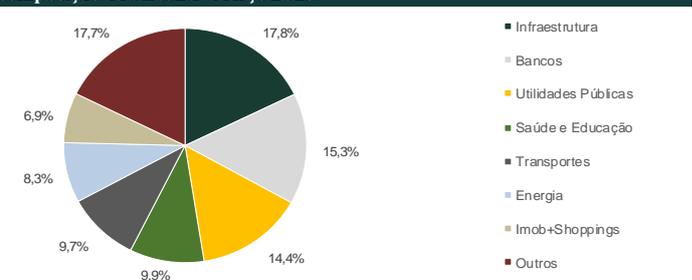
Retornos (%)



Volatilidade anualizada - janelas móveis 21 dias



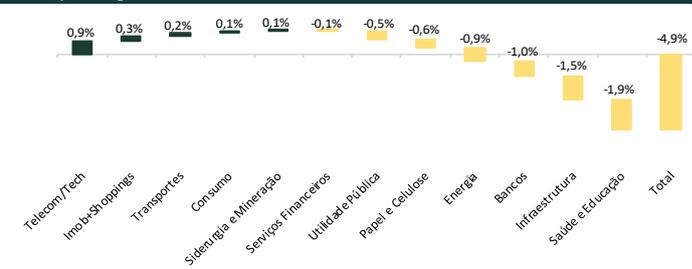
Composição da carteira - Março 2023



Informações

- Aplicação mínima inicial: R\$ 100.000,00
- Aplicações Adicionais: R\$ 10.000,00
- Cota de aplicação: D + 0 (fechamento)
- Cota de resgate: D + 14 (fechamento) d.u.
- Liquidação financeira: D + 2 da cotização
- Tributação: 15% de IR (sem cotistas)
- Taxa de Administração: 1,5% a.a.
- Taxa de Performance: 20% do que exceder IGPM+6% ao semestre
- Dados bancários:
Favorecido: Brasil Capital FIC FIA
Banco: BNY Mellon (17)
Agência: 1
C/C: 2125-3

Atribuição de performance - em 2023



Gestor: Brasil Capital • Administrador: BNY Mellon • Custódia: BNY Mellon • Auditor: KPMG
 Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 1700 Cj 161 • São Paulo, SP - Brasil • 04547-005 • Tel: +55 11 5105-0600 • Fax: +55 11 5105-0608
 contato@brasil-capital.com • www.brasilcapital.com

A BC Gestão de Recursos não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimentos ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento de cada fundo antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. Os Fundos de Investimento não contam com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Riscos gerais: em função das aplicações do fundo, eventuais alterações nas taxas de juros, câmbio ou bolsa de valores podem ocasionar valorizações ou desvalorizações de suas cotas. Fundos de ações com renda variável podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Categoria ANBIMA: Fundo de Investimento de Ações Outros. Este fundo é supervisionado e fiscalizado pela Comissão de Valores Mobiliários - CVM (Serviço de atendimento ao Cidadão em www.cvm.gov.br). As estratégias de investimento do fundo podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas.

